

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA PESQUISA EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA*

THE PHENOMENOLOGICAL METHOD ON PSYCHIATRIC NURSING RESEARCH

Jacó Fernando Schneider¹

RESUMO

O autor aborda algumas idéias sobre fenomenologia, linhas gerais da pesquisa fenomenológica e algumas considerações sobre fenomenologia e Enfermagem Psiquiátrica, como tentativa de possibilitar um aprofundamento nos assuntos trabalhados, fazendo uma reflexão sobre a sua área de atuação, vislumbrando possibilidades no cuidar do ser em sofrimento psíquico, embasado na compreensão do mesmo.

UNITERMOS: fenomenologia, método fenomenológico, pesquisa, enfermagem psiquiátrica.

1 APRESENTAÇÃO

Enquanto supervisor de estágio de Enfermagem Psiquiátrica, em estabelecimentos de saúde – hospital psiquiátrico e instituições de saúde mental – que não possuem normas escritas, consenso quanto à estratégia ou algum tipo de intervenção de enfermagem psiquiátrica em prol do indivíduo em sofrimento psíquico, penso que está no campo de ação do profissional de enfermagem a possibilidade de orientar e intervir nas situações assistenciais emergentes.

Nesse período de convívio com o paciente psiquiátrico, intensificaram-se minhas inquietações relativas a estes seres denominados doentes mentais, pois, além de ocupado com as atividades de ensino, envolvo-me com atividades de assistência ao indivíduo em sofrimento psíquico.

No decorrer deste tempo, aprimorei o exercício da prática da enfermagem passando a sentir segurança na adoção de determinadas condutas o que, sem dúvida, me proporcionou realização

profissional. Durante esse período, entretanto, o trabalho cotidiano dificultava minha participação em eventos da área e a possibilidade de atualização científica. Sentia uma preocupação cada vez maior em compreender este universo, pois percebia o quanto seria necessário este saber para que ocorresse uma mudança no atendimento a estes indivíduos.

Diante dos meus questionamentos, surgiu a necessidade de busca de maior aprofundamento, pois acredito que o conhecimento, enquanto possibilidade humana, tem exigências que não permitem improvisações e superficialidades. A oportunidade de cursar um programa de pós-graduação me fascinou, acreditando conseguir, com isso, aprimorar meus conhecimentos, contribuindo, assim, para a melhoria do ensino e da assistência de enfermagem psiquiátrica ao indivíduo que dela necessitar.

O acesso à fenomenologia foi uma das oportunidades que o mestrado me reservou. Um caminho de possibilidades inesgotáveis, capaz de confundir um principiante nessa caminhada, ao mesmo tempo, estimulando a um aprofundamento nas reflexões filosóficas e fenomenológica, que foram aspectos indispensáveis no rigor e qualidade do meu caminhar, contribuindo na busca do meu saber da fenomenologia.

A aproximação com a fenomenologia fez-se, também, através de leituras de bibliografias especializadas e de obras que tratam do assunto, bem como através do entrosamento e discussões com pós-graduandos e estudiosos desta modalidade de pesquisa qualitativa.

* Trabalho adaptado da dissertação de mestrado "A temporalidade do ser denominado esquizofrênico, fora de suas crises", orientada pela profa. Dra. Elizabeth Ranier Martins do Valle, apresentada ao Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, em agosto de 1995.

2 Enfermeiro, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Doutorando do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O método fenomenológico revelou-se, nesse momento, o mais adequado à interrogação proposta, pois é um movimento sensível às características humanas, e um modo de acesso ao fenômeno em estudo.

Ao me situar comprometido com o processo saúde-doença, e, conseqüentemente, comprometido com a enfermagem psiquiátrica, onde enfermeiro e cliente deixam-se "crescer" efetuando trocas, à medida que passam a existir um-com-o-outro, busquei realizar um trabalho de reflexão, apontando possibilidades do método fenomenológico nesse contexto.

2 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A fenomenologia é, neste século XX, principalmente, um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípuo é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados pela consciência, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos (Martins, 1992).

Etimologicamente, a fenomenologia é o estudo ou ciência do fenômeno. Como tudo o que aparece na consciência é fenômeno, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado e não poderíamos, pois, confiná-la numa ciência particular (Dartigues, 1992).

A fenomenologia gera-se de duas expressões gregas, "phainomenon" e "logos". "Phainomenon" – fenômeno – significa aquilo que se mostra por si mesmo, o manifesto. "Logos" é tomado aqui com o significado de discurso esclarecedor. Assim, "fenomenologia" significaria discurso esclarecedor a respeito daquilo que se manifesta por si mesmo.

Segundo Martins (1992), a fenomenologia não foi "fundada", mas surgiu e cresceu, tendo suas origens no pensamento de Edmund Husserl (1859-1938). Entretanto, mesmo para este autor, a idéia de fenomenologia como um novo método desenvolveu-se gradualmente e continuou a transformar-se de maneira contínua.

Husserl (1965) nega a existência tanto do sujeito quanto do mundo, como puros e independentes um do outro. Afirma que o homem é um ser consciente e que a consciência é sempre intencional, ou seja, ela não existe independentemente do objeto, mas é sempre consciência de algo. Assim, também o mundo não é em si, mas é sempre um mundo para uma consciência. Consta a ciência objetiva e propõe, então, um "voltar às próprias coisas" ou às raízes do conhecimento, ao fundamento do inegável, ao fenômeno. Este só pode ser encontrado no mundo vivido, que é a experiência básica, primordial do ser humano, pré-reflexiva e anterior à separação entre consciência e objeto, entre sujeito e mundo.

Merleau-Ponty (1994, p.1) diz que "a fenome-

nologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade".

Ao discutirem sobre a facticidade, Durozoi; Roussel (1993) colocam que na fenomenologia contemporânea – principalmente em Heidegger e Sartre – exprime-se a idéia de que nossa existência é um fato de certo constatável, mas sem fundamento, sem razão e até, a princípio, absurda. O homem, desvinculado de qualquer obediência a uma necessidade que organizaria sua vida, é soberanamente livre.

"Para a fenomenologia de Merleau-Ponty, é preciso considerar o outro humano no mundo. Se somos uns para os outros, ou uns-com-os-outros, precisamos, necessariamente, ter uma aparência mútua. Não se trata de uma aparência externa, mas de uma aparência ou perspectiva um do outro. Minha visão dos outros e a que eles têm de mim é que permitem nossa posição no mundo" (Martins, 1992, p.55).

A fenomenologia é uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (Merleau-Ponty, 1994).

Heidegger (1889-1976), discípulo de Husserl, considera que antes da consciência existe o próprio homem, que ele denomina de Dasein. O que caracteriza essencialmente o Dasein é Ser-no-Mundo, estrutura que é captada pelo homem no seu próprio existir. O existente só pode se compreender em sua relação com o mundo, relação na qual cria o mundo, ao mesmo tempo em que é criado por ele. O homem não é uma coisa entre outras coisas; ele "é aqui", num sentido auto localizado e auto consciente, numa relação constante com os objetos, as pessoas e as situações. O mundo, independente dele, existindo por si mesmo, só aparece através da sua reflexão – o que há, primordialmente, é o mundo para ele (Heidegger, 1993).

Através da "epoché", o mundo objetivo, real, é colocado, na expressão de Husserl, entre parênteses na experiência fenomenológica, permanecendo na consciência aquilo que é impossível de ser negado. Coloca-se em suspensão as nossas crenças sobre a existência do fenômeno que está sendo interrogado. Busca-se exclusivamente aquilo que se mostra, analisando o fenômeno na sua estrutura e nas suas conexões intrínsecas (Martins, 1992).

Ao lado de "epoché", Husserl utiliza ainda dois outros termos: "noese" e "noema" com os quais designa, respectivamente, o pensamento

e o objeto desse pensamento.

O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se à temporalidade da existência. O ser e o homem não apenas se limitam como, por e para fazê-lo, se visitam. Por esta instância passam todos os caminhos de compreensão dos discursos. Nesta instância, instala-se todo diálogo de pensamento entre os homens. A partir desta instância, os pensadores podem pensar, sempre pela primeira vez, o advento do sentido e da verdade, no tempo das realizações (Heidegger, 1993).

A fenomenologia surge no processo de revisão de verdades tidas como cientificamente inabaláveis, no momento em que as ciências, ao nível da investigação, passam a ter uma configuração humana. Caracteriza-se, antes de tudo, por uma preocupação em dar uma descrição pura da realidade. Para que isso ocorra, o inquiridor fenomenólogo dirige-se para o fenômeno da experiência, para o dado, e procura "ver" este fenômeno da forma que ele se mostra na própria experiência.

Segundo Martins e Bicudo (1983), a experiência do "ver fenomenologicamente" é um passo essencial para o fazer da fenomenologia, que é o estudo das essências. Alguns filósofos chegam até a afirmar que a fenomenologia "parte do nada e chega a lugar algum", o que é uma proposição ignorante e infantil, pois, enquanto proposição, tal afirmação não apresenta lógica alguma. Como vai sair de algo aquilo que, ao partir do nada não existe? E como chegar a "lugar algum" se, para haver lugar, é preciso ter antes existência?

Em síntese, a fenomenologia é proposta por Husserl como uma ciência rigorosa mas não exata, que procede por descrição, que se ocupa de fenômenos e não de fatos. Os seus fenômenos são os vividos da consciência, os atos e os correlatos dessa consciência (Capalbo, 1984).

Nesse sentido, Martins e Bicudo (1989) alertam para que, ao se fazer pesquisa qualitativa ou quantitativa, não haja confusão entre os significados de fato e de fenômeno. O fenômeno mostra-se a si mesmo, situando-se, enquanto que o fato é controlado após ter sido definido.

Para Merleau-Ponty (1994, p.2) "*a fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica*".

Como um método de pesquisa, a fenomenologia é relativamente nova, o que, porém, não a impede de ser uma forma radical de pensar. Como um método radical de pensar, parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de se fazerem

as coisas, desafia os pressupostos como aceitos e busca estabelecer uma nova perspectiva para ver as coisas (Martins; Bicudo, 1983).

O "como" da investigação daquilo que se mostra por si mesmo envolve "ir à coisa mesma", para o qual se faz necessário exercitar-se. A fenomenologia como um novo método desenvolveu-se gradualmente e continua a transformar-se de maneira contínua (Martins, 1992).

A metodologia da pesquisa qualitativa deve ser de natureza teórica e prática concomitantemente. Aquilo que nas teorias o pesquisador apreende das observações empíricas e as experiências por ele vividas devem constituir o seu ponto de partida. Essas duas aprendizagens fornecem a instrumentação para observar e analisar a realidade de modo teórico desde o início. Fornecem recursos para ver os objetos da percepção na sua origem social, histórica e de funcionamento, na sua interdependência e determinação do seu desenvolvimento (Martins; Bicudo, 1989).

O método fenomenológico é intuitivo e descritivo. O objetivo do método é descrever a estrutura da experiência vivida, incluindo o sentido que esta experiência tem para os indivíduos que dela participam. A fenomenologia não se preocupa com a explicação, mas sim com a compreensão fenomenológica em conjunto com a interpretação. Num sentido geral, este movimento é uma tentativa de especificar o "significado" que é essencial na descrição e na redução, como uma forma de investigação da experiência, o que vem ao encontro do propósito deste trabalho.

Na pesquisa fenomenológica, o indivíduo, de início, está preocupado com a natureza do que vai investigar, de tal modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno. Ele não possui princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definidora do fenômeno. Inicia o seu trabalho interrogando o fenômeno.

Para Martins e Bicudo (1989), o fenomenólogo respeita as dúvidas existentes sobre o fenômeno pesquisado e procura mover-se lenta e cuidadosamente de forma que ele possa permitir aos seus sujeitos trazerem à luz o sentido por eles percebidos sobre o mesmo.

A pesquisa fenomenológica está dirigida para os sentidos, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe.

Sobre a constituição do método, Martins e Bicudo (1989) colocam que a forma mais adequada para conduzir a pesquisa fenomenológica é investigar a realidade tal como experienciada pelo sujeito, a qual é exposta nas suas descrições. Sendo assim, embora o pesquisador esteja interessado em chegar ao sentido mais profundo, haverá sempre uma região não expressa que

permanece oculta pois, na pesquisa fenomenológica, o sujeito estudado vivencia mais do que o pesquisador consegue apreender.

Na pesquisa qualitativa, os dados não são coletados como se fossem fatos, através de questionário ou entrevistas. Não se busca uma relação de causalidade, mas significados atribuídos ao fenômeno estudado. Ao concentrar-se nos significados, o pesquisador está preocupado com o sentido que os eventos têm para os sujeitos da pesquisa.

Em uma entrevista fundamentada na metodologia fenomenológica, não se busca uma linguagem que seja a soma de pensamentos e idéias. Busca-se uma linguagem que seja "fala originária", "fala" esta que possibilite a mediação com o outro e a comunicação com o mundo (Carvalho, 1987).

É preciso reconhecer que o pensamento no sujeito falante não é uma encenação. O orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento e sua linguagem se ensina por si mesma.

Compreender o pensamento do cliente, para Carvalho (1987) é penetrar no seu mundo, na sua presença e na sua vida. E, para tanto, há que haver uma comunhão com quem fala, um ouvir olhando para o cliente, envolvendo-se com ele, sendo tomado pelo seu gesto linguístico. Há que se ultrapassar a dicotomia sujeito-objeto através do gesto linguístico que, como vimos, não é a simples existência de palavras.

Nesse sentido, Rezende (1990) coloca que a pretensão da fenomenologia é de não separar os pólos sujeito e objeto, homem e mundo, mas reuni-los, de maneira indissociável, na estrutura da experiência intencional. Propõe que encaremos o fenômeno como uma "estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação". Se a fenomenologia é dita como um "estudo das essências", por outro lado ela concebe estas últimas como "essências existenciais", ocupando-se da "essência na existência", ou das significações existenciais.

Ao realizar pesquisa qualitativa, segundo esta abordagem, é preciso, de início, situar o fenômeno. Assim, o pesquisador está interessado no "sujeito que está aprendendo", no "sujeito que está ansioso", no "sujeito que está com medo", no "sujeito que está vivenciando o tempo", etc. Há sempre um sujeito, em uma situação, vivenciando o fenômeno, através da experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa (Martins; Bicudo, 1989).

Com relação à experiência do "ver fenomenologicamente" como um passo essencial para o fazer da fenomenologia, Martins e Bicudo (1983), colocam que, para que isso ocorra, é preciso pôr em prática, desde o início do seu estudo, a análise

fenomenológica descritiva, sendo necessário, no entanto, que se vá além dela e que o próprio conhecimento dos temas fenomenológicos sejam realizados fenomenologicamente.

Ao adotar um modo fenomenológico de conduzir a pesquisa, o pesquisador procura "reavivar", "tematizar" e "compreender eideticamente" os fenômenos da vida cotidiana à medida que são, tais fenômenos, vividos, experienciados e conscientemente percebidos. "Reavivar" o fenômeno significa fazer reviver, tornar vivo o espírito. Um objeto, quando olhado pelo pesquisador de maneira inteligível, torna-se um fenômeno para esse pesquisador que assim o olha. Reavivar o fenômeno é torná-lo passível de experiência; mostrar-se-á vivo através dos recursos adequados usados pelo pesquisador. O termo "Tematizar" é formado pela raiz tema, ou seja, assunto, idéia, algo sobre o que dissertar, indica uma prática. Dessa maneira, tematizar sugere tomar seriamente e estudar de maneira sistemática um assunto. "Compreender" diz respeito a uma forma de cognição que diverge de explicação. Compreender é ver o modo peculiar, específico, único de o objeto existir, tal como compreender as qualidades próprias e particulares de uma pedra, de um pedaço de vidro, de uma revolução. Compreender é compreender uma questão no sentido hegeliano – explicitar o significado de uma realidade, desvendando um sentido – e não conhecer uma lei do tipo físico-matemático, a qual pode ser descoberta através do pensamento empírico-objetivo. "Eidético" refere-se à essência do fenômeno. A essência – eidos – é um objeto de um novo tipo se comparada ao objeto individual que originou a primeira intuição empírica, a partir da qual se tornou possível a intuição essencial. Tematizar e compreender eideticamente significa tomar o fenômeno seriamente diante dos olhos e estudá-lo de maneira sistemática para poder vir a compreender o objeto na sua intenção total, na sua essência, e não apenas na sua representação. Deixa-se de lado, com esse modo de proceder, a experiência empírica – erfahrung – para assumir-se a experiência consciente – erlebniss (Martins; Bicudo, 1989).

Na trajetória metodológica, o objetivo é buscar a essência do fenômeno que deve mostrar-se através das descrições ou discursos dos sujeitos, a partir de seu mundo real vivido. Os discursos, referindo-se às experiências que os sujeitos vivenciam no seu mundo-vida, indicam uma situacionalidade destes sujeitos. Busca-se, dessa maneira, exclusivamente aquilo que se mostra.

Essa modalidade de pesquisa deve ser realizada em três momentos: a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica, sendo que esta última envolve uma interpretação.

A descrição nunca poderá ser certa ou erra-

da, pois esse critério não é passível de ser-lhe aplicado. A descrição será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou o ouvinte a reconhecer o objeto descrito, numa reprodução tão clara quanto possível do mesmo.

Perguntas que podem surgir ao obter-se uma descrição: Há suficiente informação oferecida? A descrição está tão completa quanto possível? Ela é precisa? Foi selecionada de modo adequado? Foi adequadamente apresentada? É equilibrada?

Quando se obtêm descrições, no caso da pesquisa qualitativa, pode-se perguntar aos indivíduos: Você completou sua descrição? Essa é uma descrição tão completa quanto você gostaria que fosse? Você incluiu toda a informação que conhece ou sabe?

A descrição não comporta um estilo literário ou classificações por assuntos ou por estados emocionais. Ela fala de coisas e das situações e circunstâncias que as rodeiam. Não há normas severas ou listas de palavras que devam ser usadas para descrever (Martins; Bicudo, 1989).

A redução é um momento na trajetória fenomenológica que busca determinar, selecionar quais as partes da descrição são consideradas essenciais e aquelas que não o são. Em outras palavras, deseja-se encontrar que partes da experiência são verdadeiramente partes da nossa consciência, diferenciando-as daquelas que são simplesmente supostas. Segundo Martins (1992), a técnica usual e comum para realizar a redução fenomenológica é a chamada "variação imaginativa". Esta fase consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos – aquisição de um conhecimento –, afetivos – que têm ou em que há afeto – e conativos – tendência consciente para atuar – e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência.

Com relação à redução, Merleau-Ponty (1994, p.10) coloca que o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa. "Se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática". Mas porque, ao contrário, nós estamos no mundo, já que mesmo nossas reflexões têm lugar no fluxo temporal que elas procuram captar, não existe pensamento que abarque todo o nosso pensamento.

A "compreensão fenomenológica", que surge em conjunto com a interpretação, só se torna possível quando o pesquisador, usando o recurso da fenomenologia, assume o resultado da redução como um conjunto de asserções significativas para ele, que apontam para a experiência do sujeito, isto é, que aponta para a consciência que este tem do fenômeno. A este conjunto de asserções de-

nomina-se, aqui, unidades de significado. De início, estas unidades devem ser tomadas exatamente como são propostas pelo sujeito que está descrevendo o fenômeno. Em seguida, o pesquisador transforma as expressões cotidianas do sujeito em expressões próprias de discurso que sustentam o que está buscando – um discurso psicológico ou social. Esta transformação fundamenta-se na reflexão e na variação imaginativa. Observe-se que as unidades de significado extraídas da descrição são necessárias porque as descrições constituem-se, geralmente, de discursos ingênuos, feitos por indivíduos vivendo uma realidade múltipla. Geralmente se considera que, quanto maior for o número de sujeitos, maior poderá ser a variação e, conseqüentemente, melhor a possibilidade de ver aquilo que é essencial, embora este não seja o principal critério a ser observado, pois o que se busca são convergências, divergências e idiosincrasias – maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa – nestas descrições.

Os fenômenos devem ser apresentados tal como se mostram para o pesquisador, em termos de significados. O pesquisador não formula hipóteses sobre o que é aquilo que busca, mas apenas procura ver o fenômeno tal como o mesmo se mostra.

Quando as descrições convergirem, quando o interrogar estiver desocultado, pode-se dizer que o fenômeno já se mostrou e que se chegou à apreensão de seus significados essenciais. Ou seja, o discurso foi esclarecedor.

Quando o pesquisador relata a sua pesquisa, a sua tarefa é maior do que a caracterização tradicional dos assuntos, problema, métodos, aparelhos, resultados e discussão. Nesse relato ele precisa revelar, até onde possa, a natureza do enfoque que dirige a formulação da sua interrogação e dos seus métodos. Somente assim o desenvolvimento do seu raciocínio poderá tornar-se inteligível; a descrição dos seus resultados e as possíveis generalizações poderão tornar-se potencialmente intersubjetivas e, em consequência, genuinamente objetivas (Martins; Bicudo, 1989).

Para Merleau-Ponty (1994), a aquisição mais importante da fenomenologia foi ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo – inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, que formam sua unidade pela retomada das experiências passadas do indivíduo em suas experiências presentes.

3 A PESQUISA FENOMENOLÓGICA NA ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA

Na busca de novos horizontes de compreensão do homem – enquanto ser humano situado no mundo em sua totalidade de vida – a enfermagem

psiquiátrica, se aproxima, conscientemente ou não, da alternativa metodológica da fenomenologia que se abre para as ciências humanas.

Repensando a sua função assistencial e de promoção da saúde, a enfermagem hoje se atribui a função específica da busca de alternativas para pesquisa (Capalbo, 1984). Dentre essas alternativas, o método fenomenológico tem se mostrado adequado para a pesquisa em enfermagem, como a pesquisa de Alencastre (1990), Andrade (1993), Arantes (1991), Baptista (1992), Barbosa (1993), Biffi (1991), Boemer (1985), Cadete (1994), Caldas (1991), Castro (1990), Ferraz (1989), Françoso (1993), Garanhani (1993), Gomes (1993), Kreutz (1993), Marta (1993), Mendes (1987), Merighi (1993), Popim (1994), Scatena (1991), Souza (1993) e Valle (1988), que são pesquisas em enfermagem, desenvolvidas segundo o enfoque fenomenológico.

Porém, nenhum dos grandes autores da fenomenologia elaborou um "tratado de pesquisa" para as ciências humanas ou para a enfermagem. É certo que diversos autores se utilizaram do método fenomenológico em outras ciências humanas e que a enfermagem poderá utilizar-se das principais idéias deste método e aplicá-lo no que interessar à mesma.

Visto que, os grandes autores da fenomenologia abordaram aspectos básicos sobre o método fenomenológico e realizaram reflexões sobre temas de interesse para a enfermagem, cabe aos enfermeiros o trabalho de explicitação, de esclarecimento e de aplicação da fenomenologia à enfermagem (Capalbo, 1994a).

Para Taylor (1993, apud Schneider, 1994), compreender pessoas na enfermagem, através da perspectiva fenomenológica, significa apreender os significados que estas pessoas dão às suas experiências com doenças e ao relacionamento enfermeiro-paciente. Assim, achar caminhos para cuidar do que é particular para a experiência da pessoa acaba enriquecendo a base de conhecimentos da prática de enfermagem.

Em se tratando da enfermagem psiquiátrica, é necessário salientar que a mesma acompanhou a evolução da psiquiatria, passando por várias mudanças através de seu desenvolvimento.

É interessante notar como a psiquiatria foi se apropriando da fenomenologia, principalmente permitindo perceber o sentido e o alcance de sua utilização.

As primeiras aplicações da fenomenologia de Husserl à psiquiatria foram feitas por Karl Jaspers, para o qual a fenomenologia é o ponto de vista inicial para se chegar à compreensão dos fenômenos psicopatológicos em sua vivência psíquica individual (Capalbo, 1982). Para ele, a fenomenologia é um procedimento concreto que visa à unidade real em sua totalidade de existência-essência. A partir de então, aproximações entre a fenomenologia e a psiquiatria têm sido feitas.

Alguns trabalhos embasados na fenomenologia, realizados na área da psiquiatria e da psicanálise, são relevantes para a compreensão das questões ligadas à dimensão humana, como o trabalho de Max Scheler, considerado o mais dinâmico e original discípulo de Husserl, que, foi um dos primeiros fenomenólogos a escrever expressamente sobre a psicanálise de Freud, em sua obra "Para uma Teoria Fenomenológica da Natureza da Simpatia, do Amor e do Ódio" (1913). Na Bélgica e na França, a aproximação da fenomenologia com a psicanálise se fez através de E. Minkowski, M. Merleau-Ponty, A. L. Hesnard, A. de Waelhens e Paul Ricoeur. A. de Waelhens através de seus livros "Existência e Significação" (1958) e "A Psicose"; A. L. Hesnard em suas obras "Apport de la Phénoménologie à la Psychiatrie Contemporaine" (1959) e "L' Oeuvre de Freud et son importance pour le monde moderne" (1960); E. Minkowsky na "Fenomenologia do tempo vivido". Além desses, temos Binswanger com a "Antropologia Fenomenológica do Daseinsanalyse"; Von Gebattel com a "Antropologia médica e Fenomenologia"; K. Goldstein com a "Fenomenologia da Forma"; M. Boss com a "Psiquiatria Existencial ou Daseinanalytik" (Capalbo, 1982).

Dartigues (1992, p.59) realiza citações sobre a psiquiatria e fenomenologia e diz que "a psicopatologia fenomenológica será uma intuição do fenômeno patológico estudado, uma apreensão, através das noções que designam os sintomas e do sistema que essas noções constituem, da vivência que as noções indicam: a força de olhar o objeto, sentir-se entrar nele, nele se introduzir familiarmente – sich einleben – nele se fundir, em lugar de extrair e de enumerar propriedades e signos!"

A fenomenologia está interessada na experiência intersubjetiva vivida pelas pessoas nos seus mundos, de forma que ela ilumine o "ser", isto é, a base de suas existências. Dessa forma, enfermagem e fenomenologia estão preocupadas com a interpretação das experiências das pessoas no seu cotidiano.

Ao trabalharmos em pesquisa na enfermagem psiquiátrica, com uma perspectiva fenomenológica, poderemos estar propiciando um iluminar sobre o mundo dos pacientes em sofrimento psíquico como entes ou seres do ser e, a partir disso, atendê-los numa dimensão humana.

A fenomenologia também pode ser considerada uma forma de compreender a prática de enfermagem. Outros enfermeiros que descrevem a enfermagem de pontos de vistas humanísticos, que são qualitativos e relacionam-se em parte às idéias da fenomenologia, defendem que a experiência humana é repleta de intersubjetividade, sendo um fenômeno contextualizado, cuja natureza necessita ser desvelada, em condição

de auxiliar a enfermagem na sua missão de cuidar (Brown, 1986; Parker, 1986; Pearson, 1988, 1990; Peplau, 1952; McMahon e Pearson, 1991; Muetzel, 1988; Swaffield, 1988; Travelbee, 1963, 1966, 1971; Watson, 1985, apud Taylor, 1993).

Uma aproximação ocorre entre fenomenologia e enfermagem psiquiátrica à medida em que considerarmos o fenômeno de interesse para a enfermagem como estando em íntima conexão com as experiências subjetivas de pacientes e enfermeiros, como pessoas que existem em um ambiente. Nesse sentido, a enfermagem e o método fenomenológico estarão compartilhando crenças e valores de que as pessoas são singulares e que criam seus significados particulares para o vivenciado. Ambas consideram o subjetivo e o objetivo da experiência em estudo, esforçando-se para entender o significado que a experiência teve para os indivíduos, ocorrendo, assim, uma aproximação entre estas duas áreas de conhecimento (Omery, 1983, apud Taylor, 1993).

Astivera (1983, p.70 e 71) coloca que a psiquiatria descritiva toma como ponto de partida o discurso do paciente e o compara com as referências análogas de outros enfermos:

“Como sua intenção é ir às coisas mesmas – segundo o citado parecer husserliano – apreende os fenômenos de consciência tal como os experimenta o sujeito e através de seu próprio relato, sem que a interpretação ou a teorização dos mesmos interfira na sua captação. A investigação fenomenológica, tal como a entende Jaspers, mostra a consciência do sujeito através do relato de suas experiências internas e trata de viver em sua consciência – por empatia – os fenômenos relatados pelo enfermo”.

Através dessa perspectiva poderemos estar constantemente avaliando as falas dos pacientes, estando atentos aos fenômenos de consciência do próprio profissional de psiquiatria (Astivera, 1983).

Assim, a fenomenologia pode proporcionar à enfermagem a possibilidade de enfocar a experiência dos clientes sobre o cuidado que eles recebem, o que pode ser usado para planejar a futura assistência. Isto é de crucial importância pois, por muito tempo, o atendimento tem sido orientado pelas necessidades do serviço em termos de eficiência e avanços profissionais, e a fenomenologia surge oferecendo uma abordagem que possibilita que as necessidades identificadas no cliente sejam levadas em conta na provisão e justificativa do cuidado de enfermagem de qualidade (Jasper, 1994).

Outra possibilidade na pesquisa com o indivíduo em sofrimento psíquico é através da hermenêutica, pela compreensão do sentimento on-

tológico do “ser enquanto ser”, numa aproximação com a orientação filosófica da fenomenologia e do existencialismo. Gortner (1993) coloca que, ideologicamente, a hermenêutica apreende a ética do cuidado identificada com a enfermagem; como ela se aplica à história, à sociologia e à arte; e como ela pode servir de suporte para a “forma de arte” da enfermagem, numa dimensão rica e cheia de significados. Isso, segundo a autora, pode dar condições para a compreensão da natureza do sofrimento humano, da saúde humana e da recuperação humana, enriquecendo assim, o entendimento entre o que sofre, os que amam este indivíduo e o profissional que o assiste.

Por ser uma das finalidades da enfermagem o “cuidar do outro”, oposto aos comportamentos de acomodação, de competição, de indiferença, de distanciamento, de apatia, de descrença, de passividade, de descompromisso, o mundo da vida da enfermagem, em sua dimensão profissional, envolve a consciência intencional de seus profissionais. Nesse sentido, Capalbo (1994b, p.195) coloca que:

“Esta se apresenta como um movimento de transcendência e de imanência, ou seja, ela se volta para o mundo e retorna sobre si mesma. Ela está aberta ao mundo e aos outros no entrecruzamento de suas experiências vividas no seio da família, desde a sua formação bio-física-psíquica-sócio-cultural. A consciência se volta para si mesma como consciência de si enquanto centro irradiador de intenções, de desejos e vontade, de sentimentos e de ações, em suma, consciência de si como um ego temporal e histórico”.

Atualmente, o binômio saúde-doença não pode mais ser analisado de forma isolada do indivíduo que vive concretamente tal fenômeno na sua existência, requerendo para sua compreensão, uma metodologia que dê conta desta totalidade existencial (Capalbo, 1994b).

4 REFLEXÕES

Este trabalho não tem como proposta construir modelos ou seqüências de ações a serem aplicadas ao indivíduo com diagnóstico de esquizofrenia, mas sim, contribuir para que, através da reflexão e compreensão desse ser, possa ser desenvolvida uma relação assistencial embasada no que emerge do modo de ser do sujeito que receberá esse atendimento.

Nesse sentido, revejo a importância de ser repensada a assistência de enfermagem psiquiátrica ao indivíduo “esquizofrênico”. Deverá haver uma preocupação para que essa ajuda, enquanto cuidado, não implique em fazer por ele, mas em levá-lo a assumir o seu próprio fazer, conside-

rando o seu modo de ser, enquanto um ser singular, em sofrimento psíquico, que não deixa de apresentar-se enquanto um ser-aí-no-mundo e para-o-mundo.

Para que o indivíduo "esquizofrênico" receba essa assistência, faz-se necessário que o mesmo conviva em um ambiente terapêutico, onde haja compreensão de seu estado, onde se sinta mais satisfeito. Para que isso ocorra, uma das possibilidades é que estejamos mais próximos do mesmo, nos expressando afetivamente, amenizando, ao menos, o ambiente que poderá estar sendo ameaçador.

Ao considerar o "esquizofrênico" um ser humano, um ser-no-mundo que vivencia o tempo, emerge a possibilidade de compreender a sua situação de estar sendo um indivíduo denominado esquizofrênico, internado em uma instituição psiquiátrica. Faz-se necessária essa compreensão para podermos resgatar a humanidade desse ser, para que, a partir disso possamos prestar-lhe um cuidar levando em conta essa dimensão.

Julgo que a assistência psiquiátrica ao indivíduo "esquizofrênico", além de utilizar-se dos métodos da psiquiatria clínica e da psicopatologia não deveria prescindir de uma abordagem fenomenológica-existencial, que permita atingir dimensões do ser desse indivíduo dificilmente alcançadas por outras abordagens.

Ao compreender as vivências do "esquizofrênico" fora de crise, manifestas através da temporalidade, posso me aproximar mais das suas dificuldades, buscando encontrar junto com ele caminhos mais efetivos para viabilizarmos soluções a seus problemas, possibilitando que ele faça suas escolhas e assuma responsabilidades.

Se considerarmos que o "esquizofrênico" fora de crise está ou esteve vivenciando um sofrimento psíquico, com medos, solidão e discriminação, nós profissionais da enfermagem psiquiátrica poderemos ter mais condições de compartilhar com ele suas dificuldades, levando-nos a um assistir compreensivo, que nos permita permanecer com ele, independente das suas escolhas, das suas dúvidas e do seu modo de ser.

O saber adquirido no desenvolvimento desta dissertação vem somar conhecimento e mostrar que o cuidar em enfermagem psiquiátrica deverá estar levando em conta não apenas a esquizofrenia como um fato, mas sim, que a mesma é envolta de um caráter vivencial que necessita ser compreendido através de um visar que nos permita uma aproximação desta experiência vivida pelo ser denominado esquizofrênico.

Penso que, ao realizar este trabalho, tive o privilégio de percorrer uma trajetória metodológica que me propiciou possibilidades de compreensão do ser "esquizofrênico", levando-me a esta forma de caminhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALENCASTRE, M. B. *Como o pessoal auxiliar de enfermagem psiquiátrica vê o profissional enfermeiro: uma abordagem compreensiva*. Ribeirão Preto, 1990. 85p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 2 ANDRADE, M. *O ser-enfermeiro assistindo ao portador de hanseniose: incursão na vivência fenomenológica*. Rio de Janeiro, 1993. 110 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 3 ARANTES, C. I. S. *O fenômeno amamentação: uma proposta compreensiva*. Ribeirão Preto, 1991. 86 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 4 ASTIVERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Trad. de M. H. G. Crespo; B. M. Magalhães. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- 5 BAPTISTA, M. E. C. *Fenomenologia do existir do diabético*. Ribeirão Preto, 1992. 99 p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 6 BARBOSA, J. C. *Compreendendo o ser doente renal crônico*. Ribeirão Preto, 1993. 144p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 7 BIFFI, E. F. A. *O fenômeno menopausa: uma perspectiva de compreensão*. Ribeirão Preto, 1991. 120 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 8 BOEMER, M. R. *A morte, o morrer e o morrendo*. Ribeirão Preto, 1985. 205p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 9 CADETE, M. M. M. *Da adolescência ao processo de adolecer*. São Paulo, 1994. 142 p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 10 CALDAS, M. A. M. *Pensamentos e experiências na área da saúde de pessoas que vivenciam o adolecer: uma abordagem fenomenológica*. São Paulo, 1991. 188 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 11 CAPALBO, C. Alternativas metodológicas de pesquisa. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3., Florianópolis, 03-06 abr. 1984. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 1984. p.130-157.
- 12 _____. Fenomenologia e psiquiatria. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, p.287-290, set./out. 1982.
- 13 _____. Abordando a enfermagem a partir da fenomenologia. *Revista "Enfermagem - UERJ"*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.70-76, maio 1994a.
- 14 _____. Considerações sobre o método fenomenológico e a enfermagem. *Revista "Enfermagem - UERJ"*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.192-197, out. 1994b.
- 15 CARVALHO, A. S. *Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- 16 CASTRO, D. S. *Experiência de pacientes internados em unidades de terapia intensiva: análise fenomenológica*. Ribeirão Preto, 1990. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 17 DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* Trad. de Maria J. G. de Almeida. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1992.
- 18 DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. *Dicionário de filosofia*. Trad. de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1993.
- 19 FERRAZ, C. A. *Compreensão do exercício profissional do enfermeiro: uma análise fenomenológica*. Ribeirão Preto, 1989. 83 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 20 FRANÇOOSO, L. P. C. *Enfermagem: imagens e significados do câncer infantil*. Ribeirão Preto, 1993. 145p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

- 21 GARANHANI, M. L. *O significado da cirurgia para a criança*. Ribeirão Preto, 1993. 144 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 22 GOMES, E. T. L. *Ouvindo crianças hospitalizadas*. Ribeirão Preto, 1993. 74 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 23 GORTNER, S. R. Nursing's syntax revisited: a critique of philosophies said to influence nursing theories. *International Journal of Nursing Studies*, Great Britain, v.30, n.6, p.477-488, 1993.
- 24 HEIDEGGER, M. *Sere tempo*. (Sein und Zeit, 1927). Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. v. 1.
- 25 HUSSERL, E. *A filosofia como ciência do rigor*. Coimbra: Atlântida, 1965.
- 26 JASPER, M. A. Issues in phenomenology for researchers of nursing. *Journal of Advanced Nursing*, London, v. 19, n.2, p.309-314, feb. 1994.
- 27 KREUTZ, I. *O trabalho em equipe na enfermagem*. São Paulo, 1993. 89 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 28 MARTA, I. E. R. *Mal de simioto: o saber das benzedadeiras*. Ribeirão Preto, 1993. 143 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 29 MARTINS, J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiesis*. São Paulo: Moraes, 1992.
- 30 _____; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.
- 31 _____ *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.
- 32 MENDES, I. J. M. *O ser hanseniano*. Ribeirão Preto, 1987. 98p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 33 MERIGHI, M. A. B. *A docência de enfermagem em uma universidade pública: um enfoque fenomenológico*. São Paulo, 1993. 217p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- 34 MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. (Phénoménologie de la Perception, 1945). Trad. de Carlos A. R. de Moura. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- 35 POPIM, R. C. *O tratamento quimioterápico - o que é isto?* uma investigação fenomenológica. Ribeirão Preto, 1994. 152p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 36 REZENDE, A. M. de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. (Coleção polêmica do nosso tempo, v.38).
- 37 SCATENA, M. C. M. *O mundo do hospital psiquiátrico sob a perspectiva do doente que o habita*. Ribeirão Preto, 1991. 112 p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 38 SCHNEIDER, J. F. Enfermagem psiquiátrica e fenomenologia: algumas considerações. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.47, n.1, p.57-60, jan./mar. 1994.
- 39 SOUZA, I. E. de O. *O desvelar do ser-gestante diante da possibilidade de amamentação*. Rio de Janeiro, 1993. 103 p. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 40 TAYLOR, B. Phenomenology: one way to understand nursing practice. *International Journal of Nursing Studies*, Great Britain, v. 30, n.2, p.171-179, Apr. 1993.
- 41 VALLE, E. R. M. do. *Ser-no-mundo-com-o-filho portador de câncer: hermenêutica de discursos de pais*. São Paulo, 1988. 123p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Endereço do Autor: Jacó Fernando Schneider
 Author's address: Rua Sadi Antonio Zortéa, 3618
 Conjunto Residencial Cidade de Fóz
 Bloco C5 Aptº 13
 85817-210 Cascavel - PR

ABSTRACT

The author approaches some ideas about phenomenology, general lines of phenomenological research and some considerations about phenomenology and psychiatric nursing, as an attempt to allow a profounder view of these themes. He makes a reflection about this area of work, describing possibilities for caring the human being with psychiatric suffering, based on the comprehension of this individual.

KEY WORDS: *phenomenology, phenomenological method, research, psychiatric nursing.*

RESUMEN

El autor aborda algunas ideas sobre la fenomenología, sus líneas generales de investigación y algunas consideraciones sobre fenomenología y enfermería psiquiátrica, como tentativa de posibilitar la discusión con profundidad; también hace una reflexión sobre su área de trabajo, vislumbrando posibilidades en las actividades de cuidar del ser en estado de sufrimiento psíquico, basado en la comprensión de este ser.

UNITERMOS: *fenomenología, método fenomenológico, investigación, enfermería psiquiátrica.*